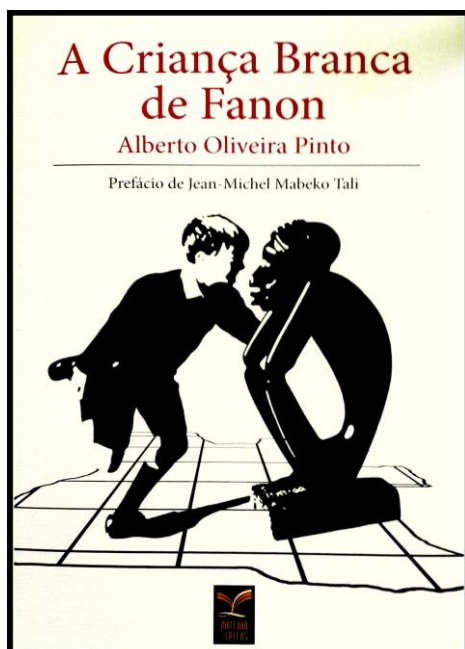


***A criança branca de Fanon*, de Alberto Oliveira Pinto**

Ana T. Rocha



A março passado a editora *Mercado de Letras* deu à estampa mais um livro da autoria do escritor e historiador angolano Alberto Oliveira Pinto, intitulado *A criança branca de Fanon*. O importante livro de juventude de Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, surge compreendido no título do livro de Oliveira Pinto, relembrando a passagem da criança branca repreendida “Tiens, un nègre!” (Olha, um negro!). Esta passagem que aponta o racismo encapuçado, que Oliveira Pinto muitas vezes presenciou, terá sido o impulso para uma inquietação do autor que culminou com a

escrita do presente livro.

A criança branca de Fanon, embora escrita por um historiador e sem pretensões à autobiografia ou ao romance, inclui, definitivamente, o autor e sua experiência pessoal na história que o historiador analisa. Aqui, depois de escrito o livro, caberá ao leitor, na sua liberdade, encarar o narrador-ensaísta enquanto tal, ou enquanto narrador-personagem. Será muito difícil, ou mesmo impossível, considerar a presente obra enquanto romance, porém sabemos com Auerbach que os géneros sempre se aproximaram no pensamento humano e que o discurso poético, logo literário, foi sempre a primeira resposta a inquietações filosóficas e, logo, também, historiográficas, sendo a literatura oral disso mesmo testemunha. O leitor de hoje faz, sem confusões, a distinção entre ficção e realidade (mesmo numa época em que ainda se procura Hollywood como produtor de representações do passado) contudo, o exercício de leitura de uma realidade não atual e desconhecida do leitor pode, para este, durante essa atividade, ser ficcionável, tal como o defendem vários teóricos da literatura, ou não fosse a leitura uma tarefa que exige um leitor ativo.

Por tais motivos, e por mais criticado que possa ser o conceito de “ego-história”, este livro de Oliveira Pinto vem auxiliá-lo na exemplificação da sua especificidade face aos outros géneros literários e historiográficos. Porém, o autor acrescenta a designação

de “ensaio”. Ou seja, estamos perante um ensaio ego-histórico e não perante uma história ego-histórica. Após a leitura do livro é fácil compreender a inclusão de “ensaio” na nomenclatura, pois o discurso não compreende a objetividade do discurso historiográfico e abre espaço para considerações, críticas e análises do historiador e intelectual Oliveira Pinto. São ainda acrescentados ao livro, além dos elementos referidos, passagens em que o autor expõe e relembra a sua própria experiência enquanto “testemunha” da realidade exposta, que presenciou durante a sua primeira infância em Angola e, mais tarde, em Portugal. Tal exercício não constitui novidade. Edward Said é outro autor que não hesita em mesclar dados e experiências pessoais nos seus ensaios, nomeadamente sobre a sua infância no Cairo e posterior regresso à cidade egípcia nos seus ensaios sobre o exílio.

A criança branca de Fanon, não trata a temática do exilado e consequente saudosismo e decepção do retorno, e muito menos se alia às vastas publicações que têm surgido, escritas por várias “retornadas” crianças brancas de Fanon, fundamentadas exatamente no que Oliveira Pinto critica e analisa nesta obra: o racismo encapuçado português e consequentes mitos, frutos de uma reação portuguesa ao início das revoluções africanas, que, marginalizando, pretendia ocultar, no discurso coloquial inclusive, essa marginalização racista.

É, assumidamente, a experiência pessoal do autor que o incita à escrita deste livro e o fundamenta, mas é ela também a que o poderá fazer-se confundir com o Testemunho. Terminamos, por isso, lembrando que, no caso do Testemunho ele é autossuficiente enquanto texto e discurso e que no caso de *A criança branca de Fanon*, o testemunho está arquitetónica e intrinsecamente ligado a um discurso que trabalha ensaísticamente uma temática.